REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:011

30 DE JANEIRO DE 1907

Redacção – Atelier de gravura – Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

JOÃO CHAGAS
(De photographia)

Chronica Occidental

Questão do pão.
Questão das carnes.
Questão do vinho.

Quem se lembrasse de avaliar pelos titulos a importancia das tres questões agora entre nós tão debatidas, julgaria talvez que não se pensa em Portugal senão em comer e beber. Mas a triste verdade é ser outro bem differente o problema.

Ha um rifão antigo que diz em sua sabedoria: «O homem não vive para comer, mas come para viver.» Era um dos fins do trabalho do homem ganhar o pão de cada dia. Como os tempos mudaram! Agora do que se trata é de viver sem comer, ou, pelo menos, comendo o menos possivel.

Não se fala senão de pão, de carnes e de vinho. Parece que se trata d'algum d'aquelles formidaveis banquetes de que nos fala Cervantes, d'um banquete á antiga portugueza, em que se faziam pyramides de pão e os bois vinham inteiros, bem assados, e as pipas despejavam o vinho como fontes. E afinal o que se queria era um motrêco de pão sem serradura e um meio arratel de carne por menos d'um conto e quinhentos, e uma gota de vinho bebido em paz e descanço.

Todas estas questões são das mais serias e nenhuma entretanto será resolvida—nem pode sel-o—a contento de todos. Dividem-se muito as opiniões e os interesses, e a dos vinhos até dividio o paiz e tornou-se talvez o mais grave assumpto dos que tem o governo de resolver.

E' natural que novamente as sessões das camaras se tornem agitadas, apesar de certo acordo entre os partidos politicos, que ultimamente favorecem a tranquillidade. Mas esta não chegou aos grupos, nem a disciplina será tamanha que impeça uma ou outra infracção dando que falar.

Os lavradores portuguezes, que, durante muitos annos, se conservaram silenciosos, teem, pouco a pouco, erguido a cabeça, e vão mostrando que podem ser uma força quando quizerem, se não a são por emquanto.

Não lhes vae correndo o tempo muito propicio. Umas horas de boa chuva trouxeram-lhes um bocado de esperança e deram-lhes até alegria, porque sempre melhorou um nadinha o estado geral, mas o catavento virou outra vez para o norte e um barometro que tenho presente marca 874 millimetros, bom tempo, quasi fixo.

E não eram simplesmente os lavradores que precisavam de chuva; requeria-a tambem a higiene de Lisboa cheia de microbios.

Ha doenças por toda a parte; então a grippe está no seu reino. Digam-o os contra-annuncios que por ahi vêmos a cada esquina, nos cartazes dos theatros. Apesar das substituições, o *Affonso de Albuquerque* teve que retirar-se de scena por uns dias, o beneficio de Lucilia Simões foi addiado e no theatro de D. Amelia descançaram as *Viajens de Gulliver* por ter adoecido Palmira Bastos.

Tambem o ultimo numero do OCCIDENTE padeceu atraso por ter estado de cama o nosso querido director, Caetano Alberto, agora felizmente muito melhor.

O bom tempo tem seus contras. Só os não teve para a missa campal realisada ha oito dias no hippodromo de Pedrouços e que foi dos mais lindos espectaculos que se teem visto em Lisboa.

Em todas as cidades de Portugal com guarnição, identica festa se realisou, e com egual enthusiasmo, conforme telegrammas que de todos os lados vieram

E' caso para felicitarmos o sr. ministro da guerra.

Calculam-se em perto de cincoenta mil os espectadores que assistiram á parada. Só as estações de caminho de ferro venderam para Pedrouços trinta e dois mil bilhetes. E tudo correu na melhor ordem o que faz, pela millessima vez, o elogio do nosso povo. Sem isto, que já é logar commum, não se faz discripção de festa.

E é este ainda, já passados dez dias, o assumpto em que mais se fala, porque a ultima semana nada nos trouxe de novo e de interessante para o publico.

Os theatros continuaram em seu caminho. Um novo artista em S. Carlos muito applaudido, Brazão muito acclamado em D. Maria, as *Favas Contadas* no Avenida proporcionando a Camara Lima uma linda festa na decima quinta recita.

O concurso para a adjudicação do theatro de D. Maria não deu resultado. Só appareceu uma proposta, do empresario Affonso Taveira, offerecendo de renda um conto e quinhentos mil réis.

Diz-se que o governo não a acceitará e que o theatro será novamente posto a concurso, publicando-se qual a quantia minima que deverá ser offerecida pelos concorrentes.

A proposito d'este theatro publicou um jornalista uma entrevista com um muito conhecido escriptor, do que resultou entre ambos polemica em jornaes e uma passagem para vias de facto.

O caso do theatro de D. Maria, se não tem interessado o publico tanto quanto devia, nem por isso deixou de ser discutido com paixão por um pequeno grupo, e é d'estes que nunca, nos parece, poderá ser resolvido a contento de todos, tanto erros passados e direitos a manter, o tornaram complicado.

Mas se questão não ha no momento que interesse o publico e se até a politica em Portugal nos dá um forçoso e bemdito descanço, o mesmo não succede em Hespanha, para onde os sedentos de politica se voltam á falta de melhor.

Cahiu o ministerio que já tão desfallecido tinha tomado conta do poder. Na vespera do pedido de demissão dizia, com razão e certo espirito a *España Nueva:* «Vão hoje a palacio cumprimentar o rei uns homens indecisos, com uns uniformes representativos, que nada significam para o paiz e nem sequer levam atraz de si aquella compacta maioria contra quem Ibsen dizia tão sangrentas coisas n'um dos seus dramas. Uns sentenciados á morte teem nas mãos os destinos do paiz. A Hespanha é uma nação de gentes que se matam, governada a espasmos epilepticos por uns tantos velhos que morrem. Parece mentira a passividade culpada com que estas coisas se toleram.»

O ministerio cahiu e foi chamado o sr. Maura.

Mas o falarmos em condemnação á morte, ao transcrevermos o artigo hespanhol, algum facto nos lembrou da nossa politica, que talvez não deva deixar de ser mencionado. Quando, ha dias, na camara dos pares, o sr. Conselheiro Moraes de Carvalho terminava o seu discurso sobre a reforma da contabilidade publica, disse que, se o governo teimasse na approvação do projecto em discussão, este só duraria o tempo que durasse a actual situação politica. O sr. Hintze Ribeiro disse: apoiado! E esta simples palavra parece ter condemnado á morte a reforma.

As sessões das camaras que tanta concorrencia tiveram do publico, teem sido muito abandonadas ultimamente e os applausos obtidos por alguns dos mais cotados oradores parece que lhes chegaram para suas ambições.

O conselheiro João Arroyo, que foi dos mais applaudidos, outras glorias o esperam dentro em pouco, que muito sinceramente lhe desejamos. A arte sempre em nós influiu muito mais do que a politica. Já em S. Carlos começaram os ensaios do *Amor de Perdição*, que poderemos applaudir no decorrer do mez de fevereiro. Prepare-se o governo para esse tempo, que João Arroyo talvez queira duas glorias no mesmo dia. Parece-me que essas ambições lhe devem estar na massa do sangue.

E por aqui poremos ponto no noticiario, bem fraco, d'este mez, ou porque tivemos de falar de assumptos já muito velhos ou porque nos puzemos a adivinhar futuros por bons calculos de probabilidades. De crimes e desastres poderiamos dizer alguma coisa; mas n'aquelles não houve misterios que interessem e d'estes felizmente só poderemos dizer que foram sem graves consequencias.

Ainda a gatunagem em Lisboa nos daria hoje novo final; mas não daremos, mais uma vez, tamanha honra aos gatunos.

O entrudo, que por ahi já faz suas guisalhadas, nos dará melhor chronica para o dia 10. E d'elle diremos muito bem ou muito mal, conforme o bom ou máu humor.

João da Camara.

JOÃO CHAGAS

Atrahe immediatamente a sympathia de quem o vê com os seus olhos negros e vivos, a côr peninsular, um sorriso um pouco ironico, um pouco infantil tambem, e aquelle penacho de cabellos brancos que lhe vai a matar, como a dizer com sua originalidade que não é um ente vulgar o que ali vae passando.

Fez suas primeiras armas de jornalista como reporter, e nunca o houve melhor no jornalismo portuguez, intelligente, prompto, desembaraçado, por um pormenor a mais correndo riscos n'uma aventura.

E que aventuras elle correu! Por temperamento e coração fez-se revolucionario, e os revolucionarios amam-o e os conservadores não lhe retiraram a sympathia. E' que João Chagas é sempre um sincero, e, por muito que andem os tempos pouco escrupulosos, ainda duas qualidades se impõem no homem: a audacia e a honradez

Voltou do exilio e raros seriam os braços que não se lhe abriram para estreital-o contra os peitos commovidos. Voltou ao jornalismo, e quem o lia encontrava-lhe outra vez a mesma alegria, o mesmo estylo ligeiro, o bom humor do homem que bem depressa esqueceu soffrimentos. Por muito menos, quantos não levariam o resto da vida a despejar rancores!

Ha pouco publicou uns livrinhos em que resumiu artigos esparsos. *De bom humor* se chamava o ultimo. E a proposito d'essas paginas interessantissimas, ainda ha tempos aqui citavamos João Chagas como dos poucos escriptores portuguezes sempre reagindo contra essa nuvem massadora de tristezas e descrença que nos vão invadindo a litteratura inteira.

Desde ha mezes, escreve diariamente no *Primeiro de Janeiro* uns pequeninos artigos *As minhas razões*, em que o mais alegre estylo se junta a um bom senso, sem o qual não ha nem póde haver senso critico. Será d'uma escolha d'esses artigos que deve constar o novo volume agora annunciado em edição da Livraria Central de Gomes de Carvalho... Meia hora ou uma hora nos dará de boa e sã leitura, com ligeiras observações originalissimas ás coisas mais vulgares, e, de quando em quando, um beliscãosito onde em ridiculos seja preciso.

IDEIALISMO

N'um sequito das almas das creanças,
Que perfumára um osculo de mãe,
Das castas virgens como pombas mansas
A alma d'um poeta ia tambem...

Como em baixel ao sôpro das bonanças
Que vae subtil n'um lago azul e vem...
Ia tranquilla e calma, ia tão bem
Como uma rosa n'umas louras tranças.

Serenamente a comtemplava o Anjo
— Neve que o sol desfez, gelo partido,
Desfez-se em pranto o duro olhar do Archanjo!

E ella voando no seu vôo erguido ..
E ao mundo, á Terra... a isto que eu abranjo
Nem um saudozo adeus, nem um gemido

I II

O que diria se fallar quizesse!..
— Amei o sól nascente, o prado, a flôr,
O mar, a relva e a dourada messe,
Canções da tarde e do primeiro alvôr!

Amei o dôce olhar de negra côr.
Que o proprio sol, ao vel-o, se escurece!
E o labio santo que murmura a prece.
Mas foi maldito o meu primeiro amôr!

O que me importa a Vida? Foi loucura
Um desvario enaltecêr na lyra
O sentimento da materia impura!

A luz ideal que nunca se extinguira,
Sorrisos bons, suavissima ternura...
Tudo mentira foi... tudo mentira!

20 de Janeiro de 1907
(Inedito)

Mario de Santa Rita

O Juramento de Bandeira e Missa Campal no Hippodromo de Belem

A festa militar que teve por fim a repetição do juramento de bandeira dos novos recrutas do exercito e da armada, precedido de uma missa campal, foi um acontecimento em Lisboa que prendeu as atenções do publico por alguns dias, tanto pela novidade como pelo aparato militar, que constitue sempre um espétaculo em cheio para o lisboeta, desde os tempos em que, na manhan do dia de Corpo de Deus, elle, todos os annos, sahia para a rua ainda de manhansinha para vêr as tropas que vinham fazer evoluções e formar em parada no antigo Passeio Publico, no Rocio e no Terreiro do Paço.

Agora, como então, o lisboeta surgiu de valle de lençoes pela madrugada das 7 para as 8 horas, e arrostando com o frio siberiano, que tem feito, e que tem gripado a população de Lisboa, saltou denodadamente para a rua, não para vêr marchar á frente dos regimentos os barbaçudos portemachados de descommunaes barretinas e arrogantes penachos, de aventaes de coiro branquiado á força de cal, armados de alabardas, prontos a rachaçar tudo quanto encontrassem no seu caminho, precedidos do alegre tambor-mór, outro façanhudo barbaças, de barretina ainda maior que o caldeirão do regimento, requebrando-se em varios gestos ora marciaes ora comicos, com que atirava a grande altura seu formidavel bastão de bola dourada e borlas vermelhas, tornando a recebel-o nas mãos com ares de triumfo e ruidosas aclamações do rapazio; não para vêr nada disto que divertia e alegrava nossos paes e nossos avós, mas para vêr marchar por essas ruas até as antigas Terras do Desembargador, os prosaicos regimentos muito minguados, mal chegando a modestos batalhões, sem o pitoresco dos antigos uniformes, restritos agora ás linhas geometricas das marmitas de rancho aplicadas a barretinas, com uns sordidos penachitos sem vista e sem garbo, as pernas dos soldados enfiadas em mal justas polainas até o joelho como cilindros amolgados, uma ausencia completa de estetica, coisa desconhecida nas altas regiões óficiaes dos que mandam e governam, reformando constantemente tudo, o que é bom, e o que é mau, quasi sempre, triste fado, para ficar peior.

Que diria o lisboeta de hoje se visse cavalgar á frente das tropas, o celebre *Marechal*, o heroe de cem batalhas, que só elle por seu aspéto marcial valia um exercito, tal era o prestigio que o rodeava, com o seu estado maior de generaes, todos seus companheiros de armas nas campanhas da primeira metade do seculo XIX, o conde das Antas, o duque da Terceira, o conde de Santa Maria, o marquês de Sá da Bandeira, o conde de Torres Novas e tantos outros, que lá andaram por esses campos de batalha, parecendo ainda chamuscados da polvora dos combates, como os soldados que commandavam, que uns e outros vinham das revoluções, que por cincoenta annos assolaram este país.

Com que entusiasmo eram vistas então essas formaturas de tropas, em que todos tinham que contar, das campanhas da liberdade, da divisão auxiliar a Espanha, da legião portuguesa na Russia, que ainda os havia desses tempos. Soldados aguerridos, que sabiam para que lhes tinham dado armas e feito jurar bandeira quando sentaram praça.

Que diferença a destes tempos de paz octaviana, que felizmente tem atravessado nosso pais nos ultimos cincoenta annos, apenas quebrada por essa gloriosa campanha de Africa, que foi como que um relampago a illuminar o ceu da patria, recordando glorias passadas.

E o lisboeta lá se levantou matutinamente, muito lépido para assaltar... os carros elétricos e os comboios, que o deviam transportar ao campo da pacifica formatura, e felizes se contaram os que poderam alcançar esse meio de condução, pois, apesar dos combois transportarem umas 32:000 pessoas alem dos elétricos, grande numero de damas e cavalheiros tiveram de calcar o macadam por essa Junqueira fóra, que nem um burro havia que os levasse.

Não houvesse festa e o afan não seria grande. Uma festa, ao domingo, por um dia esplendido como só os ha em pleno janeiro neste cantinho do mundo.

Emquanto os comboios assobiavam correndo rapidos pela margem do Tejo, os elétricos retinindo seus toques de alarme, os automoveis roncando senistramente, como mensageiros de morte, as bicicletas saltitando veloses, em zig-zags, pela via publica, soprando as suas cornetas de aviso, no meio desta confusão ensurdecedora os peões caminhando, correndo azafamados, pelos passeios, pelo meio da rua, por todas as nesgas que os vehinculos deixavam livres á passagem, todos iam para a festa, interrompido aqui e ali o transito por um ou outro regimento, que em passo ordinario se dirigia para a formatura, as bandas tocando marchas alegres com que o povo se entusiasma, acertando o passo áos compassos da musica como se fossem em forma, enchendo de lado a lado a larga arteria da Junqueira, onde toda Lisboa acudia em massa e se prolongava até o logar da festa.

No grande campo do hippodromo a multidão mal se contem a dentro das balisas de arame que lhe vedam a passagem para o recinto das evoluções. As tropas formam em parada. Nas tribunas e palanques, que se erguem dos lados no vasto campo, vão assumindo os convidados que chegam em carruagens; damas e cavalheiros da aristocracia, os altos funcionarios do estado, os diplomatas estrangeiros, os pares do reino, os deputados, os representantes do municipio, as familias de militares, clero, nobresa e povo, como se diria nos tempos realengos, todos vão invadindo os logares que lhe são reservados.

Armas e outros instrumentos de guerra formam as decorações das tribunas. A tenda real destaca-se por sua ornamentação mais aprimorada, o parapeito ornamentado com espadas de cavalaria e ao centro sobresae um escudo de armas reaes, formado com copos de espadas e balas de revolver, sobre um trofeu de sabres e charlateiras; aos lados da tenda veem-se duas armadu-

ras de aço polido para cavalleiro com montante, pela frente estão dispostas grandes pilhas de balas e granadas, dentre as quaes saem duas pequenas peças de artilharia e em volta cercam a tenda sarilhos de armas. Estas decorações foram dirigidas pelo sr. capitão Bessone Bastos com comprovado gosto militar.

Mas o que mais concorria para a belesa da festa, foi o ceu azul limpido, onde o sol brilhava com todo o seu esplendor, alagando de luz viva e quente o vasto campo e tudo que delle se avista até quasi o oceano. Era quanto os olhos podessem vêr daquella eminencia donde se descobre a cidade, o Tejo com suas margens de alem e barra em fóra, a perder-se a vista para lá de Cascaes e Cintra com sua serra a topetar as nuvens.

Mas não seria este grandioso espectaculo que naquelle momento mais destrairia as vistas da multidão; outro agora as atrae, é a Rainha D. Maria Pia que chega em sua carruagem e vem passar em frente dos guardas marinha para vêr seu néto, o infante D. Manuel, que impunha a bandeira da companhia, onde se desenha a imagem da Virgem Immaculada, emblema a um tempo poetico e piedoso dos jovens marinheiros. E de ali a nobre senhora, seguindo em sua carruagem, vae tambem passar em frente do corpo de lanceiros onde seu neto, o principe D. Luiz Filippe, ostentava em suas mãos a bandeira do regimento. Para seu coração de mãe e de avó seria esta a maior alegria que encontrou naquella hora de festa. Foi decerto.

Mal teria passado a impressão desta scena tocante, que sensibilisou os corações, já os clarins soam novos signaes de commando e as tropas se perfilam em sua formatura, emquanto o povo se agita num movimento de curiosidade pelo que vae succeder.

Ao fundo do hippodromo assume grande e lusida cavalgada; o sol illumina-a em cheio, reverberando seus raios brilhantes no aço das espadas, no polido dos metaes, o oiro e pedraria dos crachás sintila por entre o colorido das fardas e das bandas das ordens dos gran-cruzes e commendadores, os capacetes luzentes despedem chispas como raios coriscantes, em ondas de luz, ouvem-se na distancia as bandas militares que soltam as primeiras notas do himno nacional. E' El-Rei que chega, com elle ve n o sr. Infante D Affonso, o ministro da guerra e todo o estado maior de generaes e óficialidade.

O cortejo real desenvolve-se em toda a largura do hippodromo, e vem avançando a trote largo; a artilharia estrondeia e o fumo da polvora encobre por instantes a vista do movimentado quadro.

Já todas as bandas tocam o himno e os clarins a marcha de continencia, os toques de corneta mandam apresentar armas á passagem de El-rei que segue á frente, fardado de generalissimo, com a banda da Torre e Espada, montando seu soberbo fulo, peninsular; cumprimenta para as tribunas onde estão as rainhas e o corpo diplomatico, postando-se em frente da tenda real. Então o general das armas sr. Craveiro Lopes entrega o commando das forças a Sua Magestade Generalissimo, que se dispõe a passar-lhes revista.

Acompanham El-rei nesta revista, seguindo á frente como guarda avançada, os capitães srs. Soveral e Craveiro Lopes seguidos do sr. tenente-coronel Lobo e tenente sr. Figueira. Sua Magestade precede o sr. ministro da guerra e general da divisão, após seguem os srs D. Antonio Noronha (Poraty) ajudante de campo e Leotte Tavares ófficial ás ordens de El-rei, e por fim todo o estado-maior da divisão.

A revista principia pelo corpo de guardas marinha, a seguir os aspirantes da Escola do Exercito, corpo de marinheiros, engenharia, artilharia, cavalaria, infantaria, companhia de Saude e administração militar formando ao todo a força de uns 6:000 homens, pelo que se vê bem quanto estão reduzidos os efétivos dos corpos, não-bestante terem no orçamento a respectiva dotação.

O sol estava a pino quando a revista terminou, e apesar de todo o calor de seus raios mal temperava a friura do vento norte que suprava cortante como golpes de navalha a gripar toda a assistencia. Mas com isto poucos se importavam naquellas horas de festa em que estavam embebidos, e só um velho vetrano sobrevivente das campanhas da liberdade, com os seus 75 annos de serviço e 87 de nascido, o Amaro José, tambor-mór reformado, achou prudente recolher-se a casa, ao seu conchego e calor. Os que não lhe seguiram o exemplo quantos ficariam de cama no dia seguinte a curtir a gripe que por lá apanharam.

A primeira parte da festa passou e na capelinha armada para a missa campal, surgia agora o reverendo Leitão, capelão de infanteria 1, a celebrar o incruento sacrificio, para o qual se dirige a maioria das atenções. El-rei pára em frente da tenda real voltado para o altar que se ergue ao poente; a pouca distancia fica o sr. ministro da guerra e á réta-guarda posta-se toda a comitiva.

O general das armas, com o seu estado-maior, coloca-se ao centro do semicirculo formado pelas tropas da divisão.

Ouve-se um tiro de artilharia, é o signal de principiar a missa, acolitada por seis capelães do exercito, oito aspirantes de marinha fazem a guarda de honra ao altar, as musicas dos regimentos, reunidas ao centro do hippodromo, executam, sob a regencia do maestro sr. Nascimento, uma partitura apropriada. Ha alguns minutos de recolhimento nos assistentes, e quando nas mãos do celebrante se ergue a hostia Levantando a Deus, soam os clarins e a artilharia salva com 21 tiros, os soldados, de joelho em terra, baixam as armas e toda a óficialidade abate as espadas em continencia. E' o momento solemne do acto religioso.

Terminada a missa, novo movimento se agita em todo o campo, nos milhares de espectadores e na tropa.

As bandas militares voltam a juntar-se aos corpos a que pretencem, as companhias de recrutas passam á frente e na vanguarda dos regimentos postam-se os porta-bandeiras com seus estandartes, e tudo se prepara para a repetição do juramento dos galuchos. Estes avançam á voz do do seu commandante e erguendo o braço direito estendendo a mão para a bandeira pronunciam em voz alta: *ratifico o juramento que prestei ao sentar praça.*

Não é facil afirmar se os pobres analfabetos, que ha pouco deixaram o campo da lavoura, teriam a comprehensão nitida do que ali disseram, como do que já haviam dito quando pela primeira vez os fizeram jurar sobre o pendão das quinas; mas a formalidade cumpriu-se e tanto basta para satisfação das regiões óficiaes, onde se vive destas coisas, sem olhar para o deploravel estado de ignorancia deste bom povo.

O leitor, porem, não espera que vamos disertar agora sobre esta sovada questão do analfabetismo nacional e educação civica do cidadão português, alheiado dos seus direitos e deveres; não espera, e nós tão pouco enveredaremos por esse caminho. Da festa é que se trata e a ella voltamos para assistir á sua ultima parte, o desfilar das tropas em continencia a El-Rei e ás Rainhas, que aguardam a sua passagem na tribuna real.

Rompe a marcha o general commandante da divisão com seu estado maior, seguem-se os aspirantes da Escola do Exercito e da Escola Naval, corpo de marinheiros, companhias de torpedos, baterias de artilharia, regimento de engenheiros, recrutas dos corpos de infantaria e de cavalaria; general commandante da primeira brigada de infantaria composta dos regimentos de caçadores 2, infantaria 1 e 2; general commandante da segunda brigada composta dos regimentos de caçadores 5, infantaria 5 e 16; companhias de saude, de subsistencias e de equipagens; baterias de metralhadoras de caçadores 2 e 5; commandante da brigada de cavalaria composta dos regimentos de lanceiros 2 e caçadores a cavalo n.º 4 etc.

Assim se foi despejando o campo da parada de tropas e de povo que as seguia, marchando ao som das musicas como se cada peão fosse um soldado, e que o deveria ser, sem horror á farda e á disciplina, se para isso fosse educado.

Mas neste pais o soldado é como um réprobo a quem ninguem valeu com um empenho eleitoral ou com uns centos de mil reis para dar homem por si. Vae para a tropa como para um castigo e mandam-no jurar bandeiras tão inconsciente como em pequenino o batisaram e depois lhe disseram que era cristão. Triste ignorancia!

De todo o aparato que se fez bom seria que alguma coisa se aproveitasse em beneficio da instrução do soldado, para que nem tudo só fosse festa para divertir este bom povo sem cuidados.

CAETANO ALBERTO.

O gothico no principio da monarchia

Este nosso artigo tem por fim desfazer um erro, que tem corrido mundo, sendo repetido até hoje por nacionaes e estrangeiros quasi como um dogma. Deu origem a elle o conde de Racsinscki, que escreveo sobre as artes em Portugal sem investigações proprias nos archivos e bibliothecas do paiz e sem conhecimento profundo da historia d'elle.

Diz este escriptor:

«... no entanto avançarei como simples supposição:

1.º Que antes de João I, 1389, a architectura deu em Portngal poucos exemplos de desenvolvimento e de progresso.

....

2.º Que no tempo de João I, epoca em que principiaram as construcções da Batalha, *a architectura gothica foi introduzida* em Portugal em virtude das relações intimas que existiram entre este principe e a familia reinante de Inglaterra sob *a influencia dos architectos constructores da cathedral de Yorck* e com o auxilio das associações de architectos e de *mações* que n'esta epoca, é muito tempo antes, enriqueceram todos os paizes civilisados com edificios gothicos.»

Em poucas palavras isso quer dizer que antes da Batalha a architectura pouco ou nada se desenvolveu em Portugal, e que o gothico foi introduzido n'este paiz só no reinado de D. João I, e por artistas estrangeiros, porquanto os nacionaes não estavam preparados, nem educados, n'essa escola.

Deixaremos o segundo ponto, porque qualquer dos dois exige materia, que não cabe nos limites de um artigo só.

E' preciso advertir que o illustre critico estrangeiro prudentemente fala por supposição. Os que escreveram depois d'elle, quer sejam estrangeiros e quer sejam nacionaes, asseveram positivamente o que n'elle não passa de simples conjectura!

Na *Illustração Portugueza* mostrámos que no principio da reconquista do solo lusitano iniciou-se um brilhante cyclo da architectura greco-bysantina. D. Sisnando viveu no ultimo periodo d'esta architectura, que n'elle attingio o mais alto grao da sua perfeição. Falleceu nos fins do soculo XI, e logo nos principios do seculo XII começou na Europa a architectura ogival sob a influencia das Cruzadas.

Por isso a architectura romaica, ou romanica, teve curta duração em Portugal, ou sómente durante a vida d'aquelle illustre filho de Coimbra.

No artigo que publicámos na Illustração acima referida acêrca dos claustros da sé de Lisboa provámos que o conde D. Henrique introduzio o gothico em Portugal, quando regressou de Jerusalem. Restaurou em gothico de transição as sés do Porto, Viseu e Lamego, e n'esse mesmo estylo construiu varios templos, como a igreja de S. Pedro de Rates e a de Cedofeita do Porto, etc, etc.

Não se deve formar juizo da sé do Porto pelo que ella apparenta actualmente.

Está completamente desfigurada, quer no exterior e quer no interior, por construcções e reparações posteriores de péssimo gosto. Os fanaticos da Renascença estragaram esse monumento, que no seu principio deveria ter sido bello, grave e austéro.

O Dr. Filippe Simões criou a lenda absurda de que Portugal regressou ao romaico, ou romanico, reinando Affonso Henriques!...

No artigo publicado na *Illustração Portugueza* acêrca do conde D. Sisnando demonstrámos que a sé velha de Coimbra e S. Christovam são obra d'este illustre varão. E não podia deixar de o ser. Todas as construcções de Affonso Henriques são em gothico de transição.

Quando se estabelece uma forte corrente artistica, nunca se volta para traz. Assim aconteceu ao romaico, ao gothico, e á Renascença.

Os mais grandiosos monumentos de Affonso Henriques demoliram-se com a acção do tempo, como Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra e S. Vicente de Fóra. O primeiro foi um dos edificios gothicos de maiores proporções que houve na Europa. Desgraçadamente substituiram-n'o por um enorme casarão de insipida architectura!...

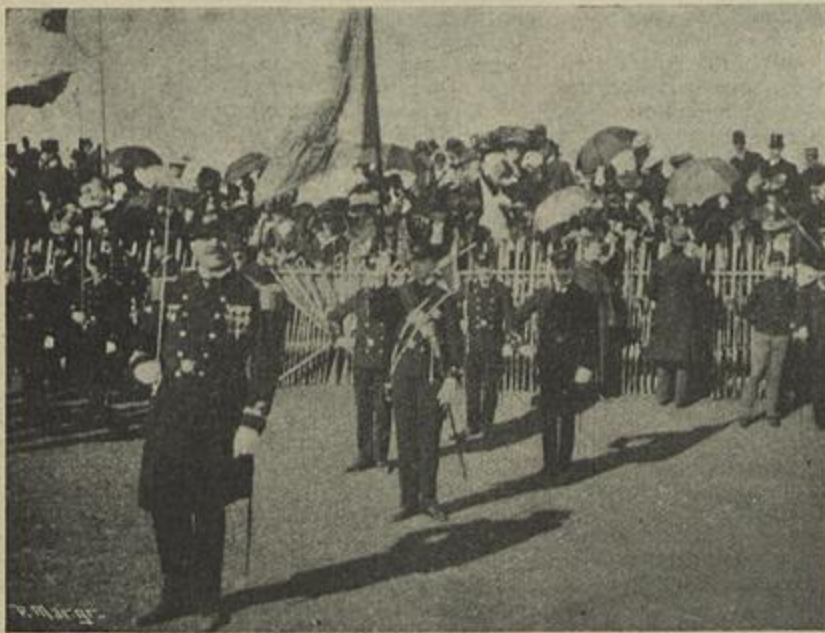
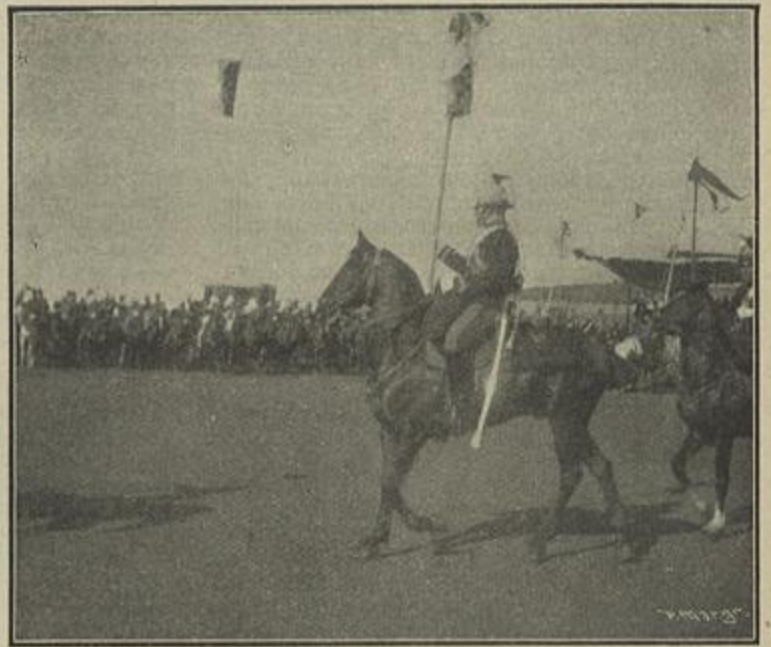
Desappareceram, é verdade, as mais ricas e importantes edificações de Affonso Henriques, mas ficaram muitas ruinas e templos d'esta epoca, os quaes mostram á evidencia que n'ella só se construiu em gothico. E' o que passamos a provar.

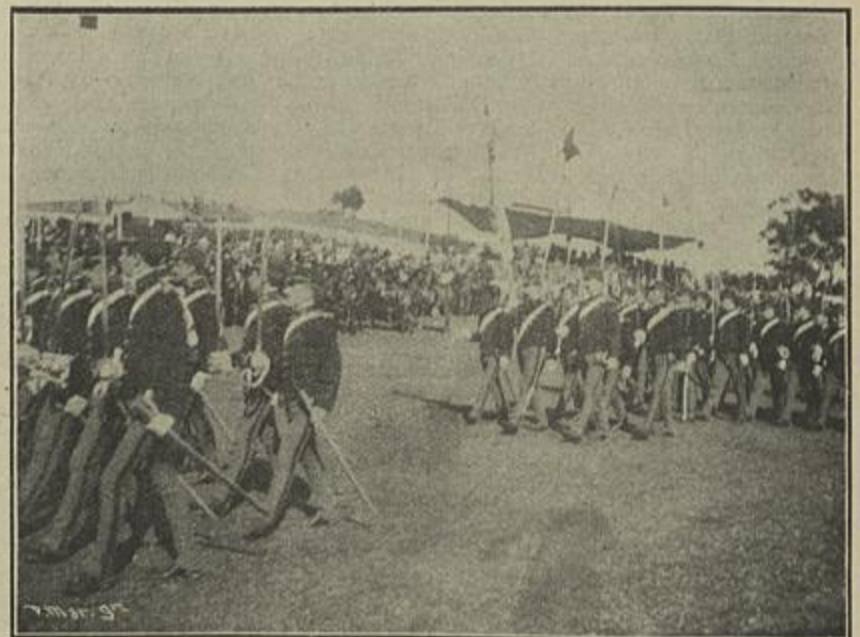
Talvez a primeira construcção de Affonso Henriques na cidade de Lisboa fosse o paço episcopal, que servia de residencia régia, quando os monarchas vinham á capital.

Esse palacio foi construido em seguida á capella mór da sé, que suppomos ser tambem obra do mesmo monarcha, por não existir na antiga mesquita. Por cima da mesma capella o mesmo principe teria construido a grande e disforme torre quadrada, que Affonso IV levantou de novo.

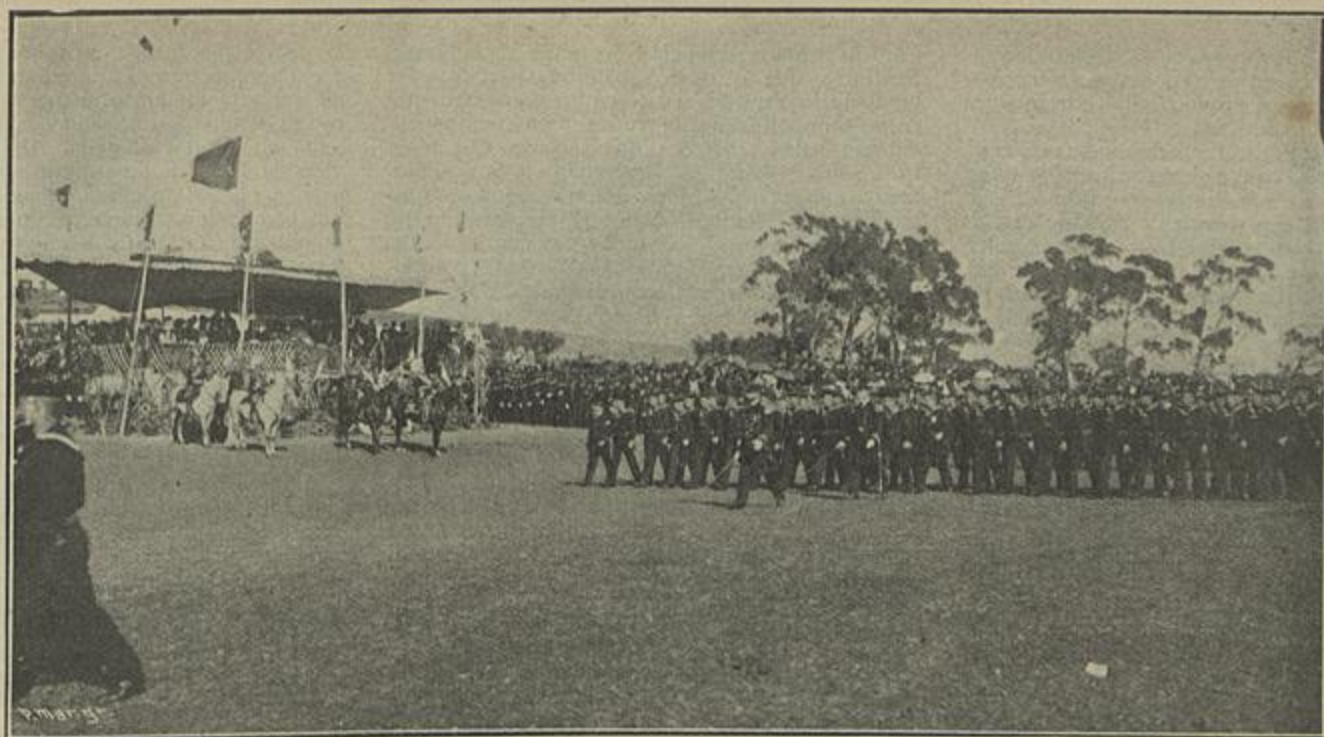
E conjecturamos que por essa occasião Affonso Henriques construiu um novo claustro. Todas

O Juramento de Bandeira e Missa Campal

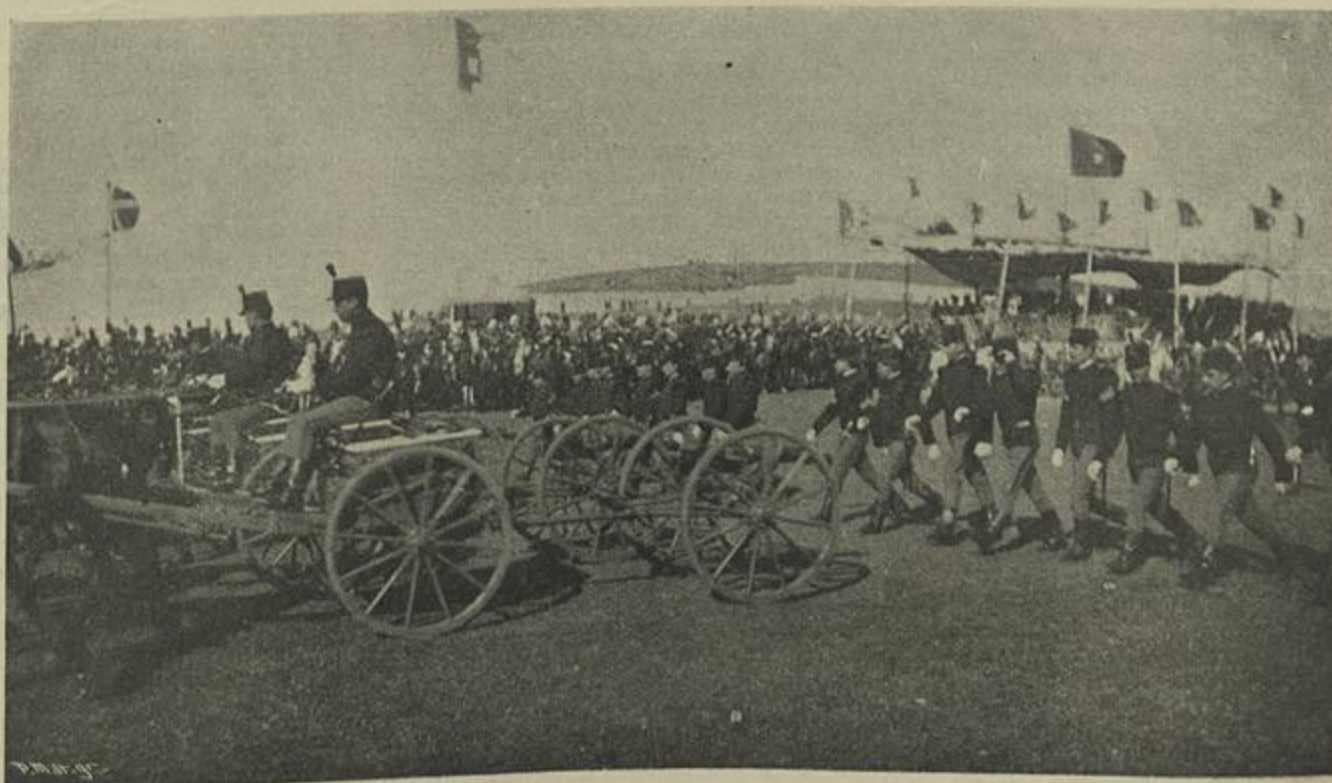
S. M. El-Rei D. Carlos e seu estado maior passando em frente da tribuna real
(Cliché Benoliel)

S. A. o Infante D. Manoel empunhando a Bandeira do Corpo de Guardas Marinha

S. A. o Principe Real D. Luiz Filippe empunhando a bandeira de Lanceiros da Rainha

S. M. El-Rei D. Carlos e Sua Ex.ª o Ministro da Guerra assistindo ao desfilar das tropas em continencia

Os Aspirantes da Escola do Exercito marchando em continencia

(Cliches do sr. Carlos Moutinho d'Almeida)

O Juramento de Bandeira e Missa Campal

O Corpo de Marinheiros marchando em continencia
(Cliché Bonoliel)

Aspecto de um palanque
(Cliché do sr. Carlos Moutinho d'Almeida)

A Missa Campal
(Cliché Benoliel)

A Artilharia desfilando em frente da Tribuna Real
(Cliché Benoliel)

essas edificações affonsinas em estylo gothico cahiram com os frequentes e successivos terremotos, que sacudiram a provincia da Extremadura nos principios da monarchia.

«Nos annos, diz Pinho Leal, de 1009, 1117, 1146, 1280, 1290 e 1344, houve terremotos, que quasi todos deixaram triste memoria.»

E' possivel que, em virtude d'essas successivas oscilações de terrenos, as pouco seguras construcções de Affonso Henriques ameaçassem ruina, quando Affonso III mandou proceder a reparações, substituindo então os claustros d'aquelle monarcha por outros.

O terremoto do reinado de Affonso IV fez desabar o altar mór e a sua alta torre, bem como os paços episcopaes, escapando apenas a fachada que deita para as escadas do Quebra Costas; e os claustros de Affonso III.

Affonso IV reedificou todos esses corpos em gothico puro.

As janellas que deitam para o Quebra Costas pertencem ao gothico de transição.

O terremoto de 1755 demoliu a torre central, os paços episcopaes e a fachada sul da sé. Restam, porém, dois bellos especimens de janellas em frésta da ogiva primaria nas fachadas norte e sul. Comparando-se estas duas janellas gothicas e puras com as do beco do Quebra Costras, vê-se quanto a ogiva progrediu desde Affonso Henriques até Affonso IV.

Do reinado de Affonso Henriques nada mais resta em Lisboa, do que essas janellas dos antigos paços episcopaes. Mas fóra da capital e nas provincias, existem, não sómente ruinas, mas tambem muitos pequenos templos, que attestam que n'aquelle reinado não se recuou no caminho aberto pelo conde D. Henrique, e que foi o gothico de transição a architectura dominante.

Em Palmella ainda se conserva de pé a igreja do convento em estylo gothico. Em Santarem existem, no mesmo estylo e do mesmo reinado; S. João d'Alporão e a collegiada de Santa Maria de Alcaçova, que ficava contigua ao paço real, de que servia de capella mór, para o que havia uma communicação interior.

Ha mais a collegiada de Santa Maria de Marvilla em tres naves. Estes edificios teem soffrido varias reconstrucções posteriores em outro genero de architectura, mas conservam ainda restos do estylo primitivo.

Em Thomar subsistem a igreja de Nossa Senhora do Olival e a formosa rotunda do antigo monumento dos templarios, a qual, por si só, denuncia as riquezas architectonicas d'esta edificação do principio da monarchia. E' em ogiva arabe e uma imitação da rotunda de Ravena.

O corpo da igreja não podia deixar de corresponder ao altar mór de tão ofuscante belleza.

Parece incrivel que o conde de Racsinscki, ante essa preciosidade artistica e esse resto da antiga construcção dos templarios, avançasse o que deixamos exposto no principio d'este artigo!

O castello e convento de Thomar rivalisavam em grandeza e sumptuosidade com o mosteiro de Alcobaça. Era o segundo monumento gothico de grandes proporções construido no reinado de Affonso Henriques.

Muitos são os edificios gothicos de mediocres dimensões construidos no principio da monarchia em o norte do paiz.

Começaremos pelas interessantes e bellas ruinas do convento de Tarouca. Este edificio occupa logar importante na historia da nossa architectura, porque n'elle se vê gravado o nome do primeiro architecto civil portuguez, que se conhece. Chamava-se João Foroylaco.

Dirão os actuaes desdenhadores das nossas glorias passadas: «Esse nome não é portuguez».

D'esta vez são derrotados em sua odiosa e ingrata tarefa. A inscripcção declara que aquelle architecto é natural da villa de Tarouca.

Já no reinado de Affonso Henriques havia architectos civis portuguezes que sabiam construir em gothico.

No seculo XVII ainda o convento mostrava o que era.

Falando d'elle e do seu architecto, diz frei Antonio Brandão no terceiro tomo da Monarchia Lusitana o que se segue:

«E na verdade não teve o auctor pouca razão de se jactar d'aquella obra, que lhe sahiu o templo (ainda que não mui grande) de tão boa proporção e tão bem fabricado, que causa deleitação á vista e devoção do animo com sua bem ordenada capacidade».

De entre os edificios que ainda estão de pé, e mais ou menos bem conservados, citaremos, em primeiro logar, o mosteiro dos Paços do Sousa, situado nas margens do rio d'este nome a 5 kilometros de Penafiel e a 30 da cidade do Porto. Fora a antiga residencia do grande Egas Moniz. Sentimos que o espaço não nos permitta dar uma succinta noticia d'este edificio, que bem merecia ser collocado entre os monumentos nacionaes pelas tradições que recorda. O seu estylo em gothico de transição indica claramente que foi Egas Moniz quem o mandou construir, ou no tempo do conde D. Henrique, ou no reinado do filho. E' absurdo attribuil'o a uma data anterior, porque antes das Cruzadas a architectura ogival não era conhecida na Europa. A fundação do mosteiro, sim, é que se deve aos avós do illustre mestre de Affonso Henriques.

Proximo de Vizella, e no concelho de Felgueiras, encontra-se o mais bello e elegante exemplar do gothico de que tratamos. E' a igreja do antigo mosteiro do Pombeiro.

Conhecemol'a apenas pela photogravura do *Minho Pitoresco*. Segundo ella, os arcos do portico e das frestas das torres são em arco de volta completa. Mas tanto Pinho Leal como o auctor d'aquella interessante obra, classificam de gothica a architectura d'este edificio. Não será fiel a photogravura?

O portico, alto, largo e profundo, é ornado de varias columnas, sobre que assentam outros tantos arcos. Em cima ostenta-se um grande espelho rematado por um leão, sustentando duas medalhas com as efigies, dizem, de Fernando Magno e sua esposa, mandadas collocar por D. Egas Gomes de Sousa, bisneto d'aquelle munarcha, que dera o padroado do antigo mosteiro a seu sobrinho D. Gomes de Cella Nova, tronco dos Sousas.

Se a igreja está construida em gothico de transição, pertence, ou ao tempo do conde D. Henrique, ou ao reinado do filho, e quando muito ao de D. Sancho I. Será obra de D. Egas Gomes de Sousa?

O antigo mosteiro teria sido substituido por outro em estylo gothico.

A um kilometro de Melgaço existe a sanctuario de Nossa Senhora do Prado, mandado reedificar por Affonso Henriques em 1170 tambem em gothico. Deve pertencer ao mesmo reinado o mosteiro de Fiães, igualmente em gothico de transição. Temos ainda mais: a igreja de S. Fins pertencente ao antigo mosteiro; na freguezia de Antão, concelho de Villa Nova de Famalicão, a igreja de S. Thiago, que pertenceu aos templarios; e na comarca de Barcellos a igreja de abbade de Neiva, que era do antigo mosteiro de freiras fundado pela rainha D. Mafalda.

Querem mais provas de que o gothico de transição foi a architectura dominante no principio da monarchia?

JOSÉ D'ARRIAGA.

LITTERATURA INGLEZA

A ESTRELLA

POR

G. J. WELLS

(Concluido do numero antecedente)

«Tu poderás matar-me, proferiu, volvido um instante silencioso; mas estás em meu poder — tu e o universo em pêso — apertados aqui dentro deste cerebro acanhado. — Nem era eu que aceitava a troca, mesmo agora!»

Deteve-se-lhe a vista no frasquinho: «E agora, dormir, para quê? já não é preciso!» declarou.

No dia immediato, ao meio dia, em ponto, deu entrada no anfitheatro em que regia o seu curso, depôs o chapeu na borda da mêsa, segundo seu costume, e escolheu com todo o cuidado um grande pedaço de gis. Era assunto de chacôta entre os alunos o elle não poder dar a sua lição em não tendo entre os dedos um pedaço de gis, e como lhe houvessem bifado o provimento, ei-lo ferido de impotencia. Avançou e ficou-se a olhar, por debaixo das grisalhas sobrancelhas, as filas de semblantes nédios e juvenis que se inclinavam, e, em frases estudadas, encetou: O sobrevento de circunstancias... circunstancias estranhas ao meu poder — proferiu — as quaes — reassumiu após breve pausa — m'impedem de completar o curso que eu me propunha concluir em vossa intenção... Poderá antolhar-se-nos, meus senhores... para exprimir o caso com clareza e brevidade... que terá vivido baldadamente o Homem!»

Desde então principiaram a comprender...

Aquella noite, surgiu mais tarde a estrella, visto como o seu proprio movimento para leste a arrastára algum tanto para longe do Leão e da Virgem, e tão grande era o seu brilho que o ceu, á proporção que ella ia subindo, se ia tornando de um azul luminoso, e que se iam apagando as estrellas, uma á uma, á excepção de Jupiter proximo ao Zenith, Capella, Aldebran, Sirio e os cães da Ursa. Estava muito alva e formosa. Em muitos pontos do mundo, aquella noite, foi visto um resplendor palido a circundá-la. O astro augmentava de tamanho, perceptivelmente; no ceu limpido e refrangente dos tropicos, parecia apresentar a quarta parte, aproximadamente, das dimensões da lua.

Gelava ainda na Inglaterra, e todavia, o mundo estava tão brilhantemente illuminado como o estaria durante um luar de verão. Com aquella luz fria e clara, via-se o bastante para ler um impresso de typo vulgar, e, nas cidades, ardiam as luzes, amarellas e lividas.

Foi noite de vigilia, por todo esse mundo além; por toda a christandade, um borborinho tristonho pairou no ar vivo dos campos, tal qual o zumbido das abêlhas nos matagaes, e aquelle murmurio tumultuario, crescente, ia assumindo nas cidades as proporções de clamor.

Era o badalar dos sinos de um milhão de campanarios, de torres e de atalaias, mandando ás povoações que não dormissem, mas se congregassem nas egrejas e orassem. E no ceu, entanto a noite ia passando e a terra proseguia em seu caminhar, mais larga e mais clara ia subindo a estrella deslumbrante.

Ruas e casas estavam illuminadas por todas as cidades: claridade a jorros pelas docas e estaleiros; e as estradas do interior dos continentes, atulhadas toda a noite de gente e de luz. Sobre as aguas dos mares que cercam as regiões civilizadas, os paquetes de maquinas offegantes, os navios de velas enfunadas, sobrecarregados de gente e de creaturas viventes faziam-se ao largo, e para as bandas do Norte. Pois havia sido já telegrafado o aviso do mathematico de fama ao mundo inteiro e traduzido em cem linguas diversas. O novo planeta e Neptuno, enlaçados num amplexo de labaredas, num rodopiar vertiginoso, de andamento incessantemente mais rapido, em direcção ao sol. Já, a cada segundo, aquella mole flamejante transpunha centenares de milhas e, a cada segundo, ia crescendo a sua velocidade aterradora. A julgar pela direcção da sua carreira actual, diga-se a verdade, devia passar a um cento de milhões de milhas da terra, e influenciá-la apenas; mas perto do seu roteiro previsto, até agora mui pouco perturbado, encontrava-se o enorme planeta Jupiter e as suas luas, no seu giro esplendido em volta do sol. A cada instante, agora, ia crescendo a atracção entre a estrella flamejante e o maior dos planetas. E qual seria o resultado dessa atracção? Inevitavelmente, Jupiter desviar-se-ia da sua orbita numa carreira elliptica, e a estrella ardente, afastada por atracção do seu impulso para o sol, descreveria uma curva, collidiria talvez com a nossa terra, e passaria certamente muito perto desta. «Tremores de terra, erupções vulcanicas, cyclones, marés altas, inundações e uma elevação constante e regular da temperatura até um limite que eu proprio ignoro.» Profetiza o grande mathematico.

Por cima das cabeças, para confirmação das suas palavras, solitaria, fria e livida, fulgia a estrella da proxima destruição.

A muitos daquelles que, até lhes doerem os olhos, levaram toda a noite a mirá-la de fito, parecendo lhes que se aproximava visivelmente.

E naquella mesma noite, mudou o vento; o frio que se apossara de toda a Europa central, da França e da Inglaterra, abrandou assim que principiou a descongelar.

Não vão pensar, comtudo, pelo facto de se haver feito menção de gente que levou toda a noite a rezar, acoutando-se em navios, ou fugindo para as serras, que o mundo inteiro se achasse immerso já em terror por causa da estrella. De facto, o uso e o costume governavam ainda o mundo, e alheio ás palestras nos momentos de ocio, ácerca do esplendor da noite, nove pessoas em cada dezena se afandegavam ainda em suas occupações habituaes.

Por todas as cidades, as lojas, ápartc uma ou outra, aqui e acolá, abriam e fechavam ás horas do costume; os medicos e agencias funerarias proseguiam no seu commercio, os operarios iam para as officinas, os soldados faziam exercicio, os sabios estudavam, os amantes concorriam ás citas, os larapios estavam de atalaia e fugiam, os politicos engendravam seus projectos. Os prélos dos jornaes roncavam todas as noites, e mais de um padre desta ou daquella egreja se negou a abrir as portas do seu santo edificio para favorecer aquillo que elle considerava como panico absurdo.

Os jornaes insistiam na lição do anno mil, pois que naquella data os povos haviam tambem antecipado o fim — A estrella não o era — méramente um gaz — um cometa; e dado que fosse uma estrella, não havia possibilidade de collisão entre ella e a terra: não existiam precedentes

Naquella mesma noite, ás se.e horas e quinze minutos, a hora de Greenwich, a estrella devia atingir a sua proximidade com respeito a Jupiter. E desde então o mundo viria a saber a face que assumiriam as coisas. Os avisos do grande mathematico eram, por muitos, acoimados de reclamo habil e laborioso. Finalmente, o bom senso, algum tanto esquentado pela discussão, significou as suas convicções inalteraveis indo para valle — de lençoes. Do mesmo modo, tambem, a barbarie e a solvagice já cançadas da novidade, voltaram ás suas nocturnas occupações e, á parte, aqui e acolá, um cão a uivar, o mundo das alimarias não prestava a minima attenção á estrella.

E sem embargo, quando finalmente os Europeus atentos viram surgir a estrella, uma hora mais tarde, é certo, mas não maior do que na vespera, á noite houve ainda numero sufficiente de gente acordada para se rirem do grande mathematico, para considerarem o perigo como havendo passado.

A breve lance, comtudo, cessaram os motejos. A estrella ia crescendo. De hora para hora, augmentava, com uma persistencia aterradora, um pouco maior a cada hora, um pouco mais perto do zenith da meia noite, cada vez com maior brilho, e isso até á noite do dia seguinte. Se ella viesse directamente para a terra sem descrever curvas, se não experimentasse alguma diminuição de velocidade nas vizinhanças de Jupiter, podia transpor o espaço intermedio no prazo de um dia. Mas, fosse lá por que fosse, levou cinco dias inteiros a chegar ás proximidades do nosso planeta. Em a noite seguinte atingiu o terço do tamanho da lua, quando está prestes a sumir-se e principiou o descongêlo. Quando ella apontou por cima da America, tinha o tamanho quasi da lua, com uma alvura obcecante, — *candente*. Principiou a soprar um vento quente á proporção que a estrella ia subindo e soprando cada vez mais rijo.

Na Virginia, no Brasil, e no Valle de S. Lourenço, brilhava com intermitencias através de uma carreira fantastica de nuvens tempestuosas, abaladas por uns relampagos violaceos, ao passo que se despenhava uma chuva de pedra de violencia inaudita. No Manitoba, houve um subito descongêlo e inundaçõés devastadoras. Nos pincaros das montanhas todas da terra, aquella noite, principiaram a derreter-se quer a neve quer o gêlo, e os grandes rios todos vindo do interior dos continentes a correrem espessos e turvos, e a breve espaço, nas terras baixas, a arrastarem troncos de arvores, aos baldões, e cadaveres de homens e animaes. As aguas subiam de modo seguro e constante á claridade lugubre espraiando-se por cima das margens, a perseguirem pelos valles as povoações em sua fuga.

Ao longo das costas extremas da America do Sul e no Atlantico austral foram tão altas as marés que de memoria de homem ninguem se lembrava de outras que taes, e a tempestade, em muitos pontos, arremessou as aguas a vintenas de milhas para o interior do país, submergindo cidades inteiras. Tão intenso se tornou o calor, durante aquella noite, que o romper do sol dir-se-ia o advento de um pouco de sombra. Os tremores de terra começaram e não cessaram de augmentar.

Bem depressa, por toda a America, desde o Circulo artico até ao cabo de Horn, os flancos das montanhas pegaram a titubear e a deslizar, abriram-se voragens, ruiram muros e casas. Uma vertente em pêso do Cotopaxi desabou com uma vasta convulsão e jorrou a uma altura tal um remoinho de lava, tão largo, tão rapido e tão liquido, que no espaço de um só dia alcançou o mar.

Assim pois a estrella, com a lua macilenta na esteira, atravessou o Pacifico, arrastando á trela, tal qual os panejamentos adejantes de um vestido, o furacão e a vaga desconforme que ia augmentando durante a sua penósa marcha, espumejante a par d'impaciente, e despenhando-se em cima das ilhas, umas após de outras, alimpando-as de todo e qualquer vestigio humano.

Depois, rapido e terrivel, o vagalhão com fulgor obcecante e o halito de uma fornalha, muro de agua com cincoenta pés de altura, a correr com um rugido faminto, por sobre as extensas costas da Asia, investiu através das planicies da China.

Pelo espaço de um instante, a estrella, mais ardente, agora, mais larga e mais brilhante que o sol em toda a sua força, difundiu a sua claridade implacavel por sobre a immensa e populosa região; cidades e aldeias com seus pagodes, arvores, estradas, vastos campos cultivados, milhões de individuos sem somno, a contemplarem na impotencia do seu terror o ceu incandescente; e em seguida, muito soturno a principio e augmentando á proporção que se ia aproximando, o tumulto da corrente. E assim se deu o fim de milhões de individuos, aquella noite — uma fuga para nenhures, entorpecidos os membros, pelo calor, a respiração offegante, e o ar a faltar-lhes, e atrás delles, a onda qual muro veloz e deslumbrante. Depois, a morte!

A China refulgia de alva claridade, mas por cima do Japão, de Java e das ilhas todas da Asia Oriental, passou qual globo de fogo a grande estrella, vermelha e baça, motivado pelo vapor, pelo fumo e pela cinza expectorados pelos volcões saudando, a seu modo. A' superficie corria o fluxo de lava, e por baixo as fervidas ondas e a terra inteira revolvida e atormentada por sacões e tremores terriveis. A breve transe principiaram a derreter-se as neves immémoras do Thibet e do Himalaya precipitando-se por dez milhares de canaes em cruzamento incessante e convergindo para as planicies da Birmania e do Indostão; as franças inextricaveis das junglas indianas inflammaram-se em mil pontos e, sôb as aguas velozes, por entre troncos e raizes, uns vultos escuros a barafustar ainda frouxamente, e a reflectirem as linguas rubras, sanguineas das labaredas. Em confusão indizivel, uma chusma de homens e mulheres, a fugirem pelas largas estradas, pelas bacias dos rios, para a esperança derradeira dos homens — o mar.

E a estrella cada vez maior, maior, mais ardente e mais brilhante, e agora com tremenda velocidade. O Oceano tropical perdera a fosforecencia, e uns vapores a subir em volutas fantasticas, redopiantes, das ondas sombrias que mergulhavam sem cessar em volta dos navios sacudidos pelo temporal.

Então, operou-se um prodigio.

A quantos, na Europa, aguardavam o surgir da estrella, figurou-se que a terra tinha cessado de girar. Em mil pontos das planicies e das montanhas, a gente que tinha fugido das inundações, do desabar das casas, do abater das colinas, em vão esperavam o surgir do astro. Em tremenda incerteza, as horas seguiram-se ás horas, e a estrella sem apparecer. Por uma vez, ainda, contemplaram os homens as velhas constellações que suppunham perdidas para sempre. Na Inglaterra, o ceu estava limpido e ardente, sem embargo do fremito perpetuo do solo; nos tropicos, comtudo, Sirio, Capella e Aldebaran fulgiram através de um denso veu de vapor. Quando finalmente surgiu a grande estrella, cerca de dez horas mais tarde, subiu o sol quasi que immediatamente, atrás delle e no centro do seu foco branco, distinguia-se um disco escuro.

Fôra ao passar por cima da Asia que a estrella principiara a cair por detrás do movimento do ceu; de subito, indo ella a passar por cima da India, velára-se-lhe a claridade. A planicie toda do Indostão, desde o Indo até a embocadura do Ganges, aquella noite, era um immenso lençol de agua, acima da qual surgiam templos e palacios, os montes e as collinas negras do mundo. Cada minarete era uma confusa mó de gente a cair, um por um, nas aguas turvas, á proporção que vinha surprendê-los o calor e o terror. A região em pêso dir-se-ia gemer e lamentar-se De repente, um bafo de vento fresco e um montão de nuvens a subir no ar refrescado. O gentio que, quasi cego, não desfitava os olhos da estrella, viu um disco negro deslisar-lhe através da irradiação, Era a lua, passando entre a estrella e a terra. No proprio instante em que os homens clamavam a Deus por aquella móra, com rapidez estranha a par de inexplicavel, eis que a Leste aponta o sol; então, com velocidade de entontecer, estrella, sol e lua investem juntos através dos ceus.

E foi assim que bem depressa, um atrás do outro, para os Europeus anciosos, se ergueram a estrella e o sol. A perseguirem-se, impetuosos por momentos, abrandando depois a carreira, e parando, por fim, confundidos numa irradiação unica de chammas no Zenith. A lua já não eclipsava a estrella e estava fóra do alcance da vista no esplendor do ceu. Supposto a maioria daquelles que ainda estavam vivos presenceasse aquelle espectaculo com essa mesma estupidez, que engendra a fome o cansaço e o desespero, alguns houve que puderam perceber a significação daquelles sinaes. A estrella e a terra haviam estado na maxima proximidade uma da outra, experimentado as perturbações communs, e a estrella tinha passado. E já se ia afastando, cada vez mais rapida, na ultima fase da sua queda vertiginosa para o sol.

Amontoaram-se então as nuvens, apagando o ceu; o trovão e os relampagos teceram o seu vestuario em volta do mundo; por toda a terra, houve um diluvio de chuva, tal como até ali nunca o haviam visto os homens; e ali onde os volcões tinham cuspido as suas labaredas contra a aboboda das nuvens, cairam torrentes de lama. Por toda a parte as aguas a escorrer para fóra das terras, deixando enlodadas as ruinas e o solo, tal qual uma praia depois da tempestade, juncada de tudo quanto havia boiado, cadaveres de homens e de animaes. Durante dias e dias, foram-se escoando as aguas levando na passagem os destroços, as arvores e as casas, empilhando uns immensos diques e escarvando uns algares titanicos por toda a superficie do país. Foram dias de tristeza esses que se seguiram á estrella e ao cataclismo. Durante aquelles dias, e durante semanas e semanas, continuaram os tremores de terra

A estrella porém tinha passado. E os homens esporeados pela fome e recobrando alento a pouco e pouco, puderam recolher ás suas cidades em ruinas, aos seus graneis incendiados, aos seus campos alagados. Os raros navios que tinham escapado aos temporaes surgiram desarvorados e desmantelados, a sondarem o roteiro, por entre os pégos recentes e as novas linhas de agua dos portos outrora familiares Quando se acalmaram as tempestades, foram os homens percebendo que por todas as latitudes eram mais quentes os dias, que o sol estava maior e que a lua, diminuida dois terços das suas antigas dimensões, desinvolvia as suas fases em vinte e quatro dias.

Mas da fraternidade que de novo se desinvolveu entre os homens, da conservação das leis, dos livros e das máquinas, da estranha mudança que se produziu na Islanda, no Grœnland e nas margens do mar de Bafin, tal que os maritimos que ali aportaram foram encontrar aquellas regiões vicejantes e graciosas, supposto lhes custasse acreditar no testemunho dos proprios olhos, não conta nada esta historia, nem ainda da actividade humana agora que a terra estava mais quente, ao norte e ao sul na direcção dos polos. Ella só tem que se occupar da vinda e da desapparição da estrella.

Os astronomos de Marte — pois ha astrónomos no planeta Marte, com quanto sejam differentes dos homens — conforme é de suppôr — interessaram-se intensamente por estes fenomenos. Sem duvida, viram as coisas segundo o seu ponto de vista proprio.

Considerada a móle e a temperatura do projectil lançado através do nosso sistêma solar até ao sol, escreveu um delles, maravilha-nos o pouco damno que a terra, com a qual elle por pouco não contundiu, veio a supportar. Todas as demarcações antigas dos continentes e das móles dos mares permaneceram intactas, e diga-se a verdade, a differença unica parece ser uma diminuição da descoloração branca (que se suppõe ser agua congelada) em volta de cada um dos pólos.» O que demonstra simplesmente a que ponto a mais vasta das humanas catastrofes pode parecer coisa pouca a uma distancia de alguns milhões de milhas.

M. de Macedo.

Manifestação á memoria de Illydio Amado

O Occidente já publicou em o numero 1005, o retrato de Illydio Amado acompanhando-o de notas certas e verdadeiras, devidas á penna vibrante de Agostinho Fortes, e por isso não é biographia o que vamos traçar nem tão pouco enaltecer as nobres qualidades de Illydio Amado, o querido morto que a Parca cruel e traiçoeira arrancou ao convivio dos seus amigos, que o eram todos aquelles que tiveram a dita de escutar a sua voz quente e suggestiva, onde se reflectia a firmesa inquebrantavel do seu espirito sintillante de *verve* e de enthusiasmo, sempre disposto a pugnar por tudo que ao seu alto criterio se lhe afigurasse de verdadeiro alcance para os interesses da Academia.

Pobre Illydio!

Mal sabias tu que ao fundar a tua querida Tuna, ella teria por missão de, passados breves tempos, prestar ao teu corpo já inanimado e frio, uma homenagem de saudade e gratidão tão modesta e tão simples quão repassada de sentimento e de dôr; de lagrimas que se não viram mas que derramaram no intimo de todos a mais acrisolada compaixão, bem provada na homenagem simples

A manifestação á memoria de Illydio Amado

O Cortejo Academico a caminho do Cemiterio dos Prazeres em 23 do corrente
(Instantaneo do sr. Alberto Lima)

mas imponente de sinceridade que te prestou toda a Academia.

Pereceste!...

E nós que fomos teus leaes amigos e que tanto te admiravamos, aqui te deixamos em duas palavras, o sentimento e a impressão que nos resta da manifestação de luto e de pesar que te prestou a Tuna Academica, cujas tradições jámais olvidará junto ao teu bom nome e aos esforços que tu empregaste em seu resurgimento.

Foi pois muito justo tudo o que te fizeram, quão justo e leal foi sempre o teu nobre caracter.

M. Santa Rita.